

Verticalização do Saber, Representação e Educação a Distância

Nayla Rodrighero Lima Pedroso Ricardo*
Rodrigo Camargo Aragão†

RESUMO

Esse artigo teve por objetivo discutir as alterações de paradigmas em educação, tomando como ponto de partida a educação nominada a distância. Para a construção desse texto, fundamentamo-nos em estudos anteriores sobre Educação a Distância (EaD); estudos de Beato (2009) e Lèvy (1994). É intenção desse estudo mostrar que pensar a EaD é relevante para reconstruirmos os discursos subjacentes a ela e à própria educação dita presencial. Pretende-se com esse trabalho contribuir para o avanço na (re)construção de uma proposta de educação mais integradora, perpassando por algumas problemáticas, tais como a representação estereotipada desse modelo de educação.

Palavras-chave: Linguagem; Educação a Distância; Representação.

Considerações Iniciais

A educação ganhou novas perspectivas com aprendizagem baseada nas tecnologias interativas, a chamada Educação a Distância tornou-se objeto de muitos estudos. A ideia fundamental de educação a distância é simples: alunos, professores

* Mestre em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Professora e Pesquisadora em Letras e Tecnologia- IFBA, campus Eunápolis. Endereço Eletrônico: naylarodrighero@hotmail.com.

† Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor na Universidade Estadual de Santa Cruz. Endereço Eletrônico: aragaorc@gmail.com.

e tutores estão distantes, geograficamente, enquanto aprendem e ensinam. A personagem aluno, na modalidade a distância, também é diferente, é preciso ter aptidões e habilidades de comunicação diferentes daqueles alunos da educação tradicional dita presencial, em consequência, são necessários diversos suportes e diferentes auxílios para os problemas específicos dessa modalidade educacional.

Quanto a sua metodologia, esta nem sempre foi bem quista nos meios acadêmicos. Questionava-se, por exemplo, o quão eficaz seria a transmissão do conhecimento sem que houvesse um professor/orientador que guiasse ou concentrasse a atenção da classe a ponto de estimular o interesse didático de cada estudante. Ademais, dizia-se que a formação intelectual estaria gravemente prejudicada, pois a figura do professor não só induzia ao estudo, como também servia de modelo à vida e à conduta dos estudantes. Assim, caso esse profissional se fizesse ausente no âmbito físico, os discentes estariam expostos a desvios de aprendizado e a desregrados hábitos comportamentais que, posteriormente, afetariam suas próprias vidas profissionais.

Ora, tais argumentos soam válidos se considerados apenas quanto a jovens estudantes das fases primárias e secundárias de educação, o que, no entanto, não significa uma verdade absoluta. Ora, não seriam as atividades de realização doméstica um subtipo de “ensino a distância”? Remete-nos, inclusive, aos primeiros meios utilizados por esse modelo: as correspondências. Portanto, consideremos que, às citadas fases, tal instrumento de ensino só viria por complementar o acompanhamento *in loco* indispensável.

No caso, discute-se a formação de indivíduos no ensino superior, o que exige maior maturidade ao se ponderar os prós e os contras do ensino a distância. Trata-se de um novo paradigma a ser compreendido, pois os indivíduos habilitados a esse estágio – o ensino superior - já possuem formação básica consolidada e muitos foram previamente introduzidos ao mercado de trabalho, tendo objetivos bastante delimitados no tocante aos potenciais proveitos da nova formação, no caso referido, a educação superior.

Não há que se preocupar essencialmente na manutenção comportamental, pois se devem respeitar os processos individuais de concentração, assim como as habilidades de construção de conhecimento de cada discente. Busca-se, de fato, o aprendizado, o que é obtido na relação entre o estudante – como parte interessada

no aprofundamento de conhecimentos na dada área de estudo – e o docente – atuante e responsável pela preparação de conteúdo didático ao seu público-alvo, fazendo-a seja por meio das videoaulas, seja pelos outros diversos artifícios de orientação, como atividades, apostilas complementares etc.

Do estudante EaD se exige uma série de requisitos. Não bastam a mera habilitação por meio de exame classificatório ou a noção de manejo tecnológico. Muito além, indispensável é a sua formação básica, a sua autonomia em distinguir as obrigações recém-assimiladas. Assim, tal qual um estudante do método presencial, o discente do modelo a distância será submetido a testes, exercícios e trabalhos acadêmicos. A diferença residirá no modo de administrá-los.

Não se trata de uma nova dimensão educacional tão somente por envolver o uso da informática, mas sim porque proporciona uma nova interação entre discente e docente, mediada pela presença de um tutor, e, ainda, permeada pelas diversas possibilidades de informação e contato que o meio digital fornece.

Não obstante, à parte das acaloradas discussões acerca das particularidades dessa metodologia, é inegável a crescente importância que a metodologia EaD vem adquirindo recentemente no Brasil, crescimento este associado ao cada vez maior número de estudantes, colaboradores e simpatizantes desse novo paradigma de ensino.

Em meio a isso, cumpre destacar as particularidades da referida metodologia, em especial, por ser ela a responsável por absorver parte significativa do contingente de novos estudantes de ensino superior surgidos a cada ano no Brasil.

É notório que, diante do atual contexto sócio-histórico, o principal papel da escola e da educação escolar é o de ensinar os seus alunos a ter autonomia para saber selecionar criticamente o que é importante para suas aprendizagens, ou seja, “aprender a aprender”, de modo a serem capazes de administrar a contínua e acelerada transformação da base tecnológica (TAKAHASHI, 2000). Para Kenski (2007), os motivos para o crescimento dos cursos a distância são os seguintes:

1. Necessidade de aprender mais;
2. As tecnologias digitais oferecem condições de interação e comunicação a distância que são muito adequadas para o desenvolvimento de atividades de ensino-aprendizagem;

3. As pessoas estão muito ocupadas e não têm mais tempo para se deslocar até a escola ou universidade e ali permanecer uma parte do seu dia.
4. Ao invés de o aluno ir até a escola, é a escola que vai até o aluno onde quer que ele esteja. Além disso, ele pode escolher o melhor horário para participar da aula e aprender

Para Litwin (2001, p.13), Educação a Distância é:

uma causa e um resultado de mudanças significativas em nossa compreensão do próprio significado da educação como de mudanças mais óbvias na compreensão de como ela deveria ser organizada. No nível mais óbvio, a educação a distância significa que mais pessoas estão obtendo acesso mais facilmente a mais e melhores recursos de aprendizado do que podiam no passado, quando tinham de aceitar somente o que era oferecido localmente. À medida que a utilização da educação a distância se disseminar, populações anteriormente em desvantagem, como os alunos de áreas rurais ou de regiões no interior das cidades, poderão fazer cursos nas mesmas instituições e com o mesmo corpo docente que anteriormente estavam disponíveis apenas para alunos em áreas privilegiadas e residenciais de bom nível. Alunos com deficiência física também poderão ter acesso aos mesmos cursos ministrados às demais pessoas, mesmo permanecendo em suas residências ou em instituições. Adultos que precisarem de treinamento especializado para melhorar seu desempenho profissional ou obter aptidões básicas poderão fazer cursos sem ter de se afastar de casa ou do trabalho. Os alunos em um determinado país podem aprender com professores e colegas em outras nações. Os cursos poderão ser acessados sempre que o aluno desejar e no seu ritmo preferido, a partir de quase todo local. A educação a distância, em termos gerais, permite muitas novas oportunidades de aprendizado para um grande número de pessoas.

Por essas razões as instituições que oferecem uma educação nesse formato precisam organizar o trabalho de especialistas diferentes, com diferentes estratégias de ensino. Estão em jogo os critérios de uso desses novos instrumentos tecnológicos que proporcionam a uma infinidade de pessoas o acesso ao conhecimento, antes mediados, necessariamente, por um professor em uma sala de aula tradicional, numa dinâmica vertical em que o professor é o detentor de um conhecimento enciclopédico rígido e o estudante (aluno) seria “iluminado” por esse conhecimento de modo passivo e pacífico.

2. UMA REAVALIAÇÃO DA HORIZONTALIZAÇÃO DO SABER: SOBRE A VERTICALIZAÇÃO

Conforme os estudos de Beato (2009) esse modelo nominado vertical, necessariamente, pressupõe uma hierarquia. A autora esclarece ser uma metodologia fortemente baseada no modelo militar, organizada segundo uma hierarquia que mantém o comando centralizado e a execução descentralizada.

Como no exército, existe a figura do estado-maior, o lugar de onde emanam as decisões, as escolhas, os valores, a verdade, em última instância, e existem as instâncias hierarquicamente inferiores que são meramente as executoras da vontade, das decisões, dos valores, da verdade que vêm de cima: do pai, do chefe, do general, do padre, do professor (BEATO, 2009, p.52).

Foucault (1996) afirmou que esses discursos ditam ao homem o papel que ele deve desempenhar numa sociedade. São discursos que pretendem manter o homem num caminho, trilha. A verdade, para Foucault, está intimamente ligada ao poder.

É sempre possível dizer o verdadeiro no espaço de uma exterioridade selvagem: mas não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo às regras de uma “polícia” discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos (FOUCAULT, 1996, p.35).

O modelo de educação que nos referimos leva em consideração a globalização e faz uso de Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC), tecnologias que “desorganizam” a chamada organização vertical e linear do saber. Produz mudança na organização vertical na medida em que o conhecimento, não necessariamente, é transmitido do professor para o aluno e produz mudanças na linearidade na medida em que esse aluno traz informações e constrói novos saberes com o (professor) tutor ou com outros alunos. Souza (2011) afirma que o fato de o curso ser ministrado no modo presencial ou a distância não mudam os fins a serem alcançados com a educação, trata-se apenas de uma opção metodológica. Mas está estabelecido *sim* um novo paradigma de construção do saber:

Vê-se como o novo paradigma da navegação (oposto àquele do *cursus*) que se desenvolve nas práticas da busca de informação e de aprendizagem cooperativa no seio do ciberespaço mostra a via de um acesso ao mesmo tempo maciço e personalizado ao conhecimento (LÉVY, 1994).

O professor parisiense destaca ainda que a *cibercultura* desestrutura a formação única e exclusivamente institucionalizada do saber, pondo discentes e docentes em troca generalizada de saberes, provocando a “autogestão” do

conhecimento, além de apostar no plano da baixa de custos e acesso de todos à educação, do “presente” ao ensino “a distância” e do escrito e oral tradicionais à “multimídia”.

Ainda conforme Pierre Lévy (1994),

Até os anos 60, na escala de uma vida humana, a maior parte dos saberes úteis eram perenes. Hoje, a situação mudou consideravelmente, já que de agora em diante a maioria dos saberes adquiridos no início de uma carreira estarão obsoletos ao final de um percurso profissional (ou até mesmo antes). As desordens da economia assim como o ritmo precipitado das evoluções científicas e técnicas determinam uma aceleração geral da temporalidade social. *Com isso, os indivíduos e os grupos não se confrontam mais com saberes estáveis, com classificações de conhecimentos legadas e confrontadas pela tradição, mas com um saber fluxo caótico, de curso dificilmente previsível no qual se trata, de agora em diante, de aprender a navegar.* A relação intensa com o aprendizado, com a transmissão e com a produção de conhecimentos não está mais reservada a uma elite, mas diz respeito doravante à todas as pessoas em sua vida cotidiana e em seu trabalho (grifo nosso).

Essas mudanças reelaboram os espaços de construção do saber e instituem o que Lévy (2000, p.17) nomina de *cibercultura*, um campo gerador de infinitas possibilidades de informação e comunicação: “o conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do *ciberespaço*”.

A educação a distância leva em consideração a globalização e faz uso de Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC), essas tecnologias produzem fortes mudanças na organização vertical e linear do saber. Produz mudança na organização vertical na medida em que o conhecimento, não necessariamente, é transmitido do professor para o aluno e produz mudanças na linearidade na medida em que esse aluno traz informações e constrói novos saberes com o professor ou com outros alunos.

As NTIC são todas horizontais e não respondem, de acordo com Beato (2009), à supremacia simbólica do pai e nem de seus representantes- por exemplo, o professor- pois produz uma desorganização na estrutura vertical das verdades que sempre foram concebidas como imutáveis, inabaláveis. Tomemos por exemplo, os conceitos de **presença** e **distância** que têm sido flexibilizados por conta de suas difíceis definições na contemporaneidade.

Para aclarar o que dissemos sobre a fragilidade dos conceitos dicotômicos no parágrafo anterior, tomemos o seguinte exemplo: Um importante literato fala sobre o

seu livro em uma palestra no Centro de Cultura Paulo Souto no câmpus da UESC para mil leitores de sua obra, nesta ocasião, estão presentes e próximos os espectadores? Poder-se-ia dizer sim, com muita segurança, tomando por base as definições cristalizadas sobre distância e presença. Poderíamos dizer, também com segurança, que na situação a seguir narrada os leitores estão distantes e o autor está ausente? Faço o convite para a análise: O literato, localizado geograficamente em São Paulo, se dispõe a conversar sobre sua obra em um *chat* com um leitor do norte e outros dois do nordeste brasileiro.

A partir dos exemplos acima é possível questionar: (a) considerando os gêneros textuais usados em cada uma das situações, o espaço e a interação, em qual das situações o autor da obra esteve mais presente para seus espectadores? (b) Qual das distâncias foi a maior? (c) Em qual das situações houve interação? Essas perguntas não podem ser respondidas de maneira prática, objetiva e pouco reflexiva, há de se considerar uma série de fatores outros que não apenas a questão espacial em sentido geográfico.

As dicotomias partem o conhecimento em pólos radicalmente opostos, uma das partes sempre está hierarquicamente subalterna ao seu antônimo, são exemplos: céu, inferno; centro, periferia; branco, preto; bonito, feio; presença, distância. Os saberes dicotômicos, herdados através de discursos pré-construídos, trazem na nomenclatura um julgamento, um juízo de valor. Logo, todo e qualquer saber, coisa, objeto ou pessoa que se encaixar nos moldes do pólo “negativo” será, de forma prematura, julgado como inferior. Nasce desses julgamentos (ligado ao discurso do poder) a convicção de que educação interativa mediada por tecnologias de informação e comunicação é uma educação a distância e, sendo a distância, é inferior ao cultuado ensino presencial.

2.1 A representação da EaD

Cabe aqui a discussão sobre a representação da educação a distância. O tema representação tem ocupado um importante espaço nos estudos da área de conhecimento denominada humana. Segundo Carmo (2010) “as noções mais

remotas sobre representação remontam aos gregos, e possuem um caráter unívoco de mimeses”. Platão leva em consideração a própria etimologia da palavra representação=tornar presente de novo. Aristóteles também debate o termo a partir do conceito de mimeses, mas considera hierarquia entre as artes, acredita haver artes mais completas na apreensão da realidade que outras. Ainda, segundo Carmo (2010), na segunda parte do século XIX os artistas impressionistas desestabilizam o conceito de representação ao deslocar a fidelidade do real.

De forma geral, as teorias contemporâneas observam a visão oblíqua que se tem do mundo, são visões derivadas de discursos que representam a as verdades. Os estudos de Michel Foucault, por exemplo, evocam um conceito de representação estreitamente relacionado a discurso, do qual falamos anteriormente, conforme o autor não é possível chegar a uma realidade senão por uma construção discursiva. Barthes (1977) é convicto ao afirmar que “o que acontece numa narrativa é literalmente nada, o que acontece é apenas linguagem”

“[...] a língua aflui no discurso, o discurso reflui na língua, eles persistem um sobre o outro, como na brincadeira de mão. A distinção entre língua e discurso não aparece mais, senão como uma operação transitória – algo em suma, a “abjurar”. Chegou um tempo em que, como atingido por uma surdez progressiva, não ouvi senão um único som, o da língua e do discurso misturados” (BARTHES, 1977, p.30-31).

Nesse caso, enunciar é sinônimo de atribuir, porque o sujeito se deflagra, se desnuda e revela a que saber ou poder está serviço: o/um discurso. “Este não é mais do que a própria representação [da língua], ela mesma representada por signos verbais” (FOUCAULT, 2000, P. 112). Com base em Foucault, podemos afirmar: a língua é representação e, assim, pode interferir, de modo explícito, na sociedade e sem se preocupar com o monstro do estereótipo que vive em casa signo.

No que diz respeito ao termo Educação a Distância, nome atribuído ao ensino com aprendizagem baseada nas tecnologias interativas, vimos que esse termo toma por base a dicotomia **presença x distância** que herda o sentido hierarquizado representado em discursos pré-construídos, que trazem no seu próprio nome um juízo de valor. Percebemos com clareza que essa modalidade de educação, nessa visão representativo-discursiva dicotômica, delega de modo automático o lugar inferior, menor a essa forma de educação. Barthes (1977) ratifica o entrelaçamento de língua, discurso e poder:

Hoje creio realmente que, sob a pertinência que aqui se escolheu, língua e discursos são indivisos, pois eles deslizam segundo um mesmo eixo de poder. (29-30)

Uma forma de representação a ser considerada é o estereótipo “no estereótipo, o outro é representado por meio de uma forma especial de condensação em que entram processos de simplificação, generalização”, assim, vemos nos discursos veiculados pelas mídias a cumplicidade entre representação e poder que amplificam o efeito de realidade em estereotipar o estudante do modelo a distância como um sujeito de pouca dedicação, tem aquisição fácil e superficial dos conhecimentos, com pouco sucesso profissional. Nesse estereótipo construído são visíveis as relações de poder envolvidas no processo de representação.

Dizemos, assim como Silva (1999), que como educadores cabe-nos a tarefa de abrir o campo do social e do político para a polissemia, para a multiplicidade e a disseminação do processo de significação e de produção de sentido, pois, numa visão comum as relações de poder turvam o processo de significação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar, conforme a discussão acima exposta, que a EaD ampliou os modos de pensar a educação; alterou o seu paradigma; recolocou o papel do professor e do estudante; alterou as “patentes” e, principalmente, passou a exigir, ainda mais que na educação tradicional, sujeitos multiletrados aptos a lidarem com a multimodalidade nos diversos gêneros discursivos, em especial, os escritos nos espaços nominados *ciberespaço*. Ficou evidente ainda que o próprio termo que intitula esse modelo de educação toma por base uma dicotomia linguística que herda o sentido hierarquizado representado em discursos pré-construídos. Assim, essa modalidade de educação, nessa visão representativo-discursiva dicotômica, delega de modo automático o lugar inferior, menor a essa forma de educação. Não negamos aqui os muitos avanços no que tange a aceitação e a compreensão dessa metodologia educacional, mas entendemos também que a representação tradicional de ensino transfere, ainda, um estereótipo negativo à Educação a Distância.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.

BEATO, Zelina M. P. **Tecnologias da comunicação e informação aplicadas ao ensino-aprendizagem de línguas**. Ilhéus: UESC/UAB, 2009.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. 6a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 2003.

KENSKI, Vani M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Papirus, 2007.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LITWIN, Edith. Das tradições à virtualidade. In: LITWIN, Edith (Org.). **Educação a Distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SILVA, Tomaz T. O **currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

TAKAHASHI, Tadao (Org) **Sociedade da Informação no Brasil: Livro Verde**. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

Enviado em 26/10/2012

Aprovado em 17/12/2012